

ESPECTADOR COMPROMETIDO



Por: José Lapa

A Feira do Livro deste ano no Porto, homenageia a poeta Inês Lourenço. Numa entrevista de vida (Público, 21/8/2026), a escritora declarou: «Hoje, tudo é veloz. Ninguém nega que, numa generalização com todos os seus riscos, as pessoas estão pouco direccionadas para a reflexão e profundidade. Preferem o que fica pela superfície e se consome depressa.». O meu jovem João, que já não parece ser deste tempo atribulado movido por algoritmos, quando o

Calma!

chamo responde sempre "calma!", é assim há anos, e demora uma eternidade bem contada, algo que antes me irritava, mas que hoje me parece ser uma virtude. Passamos a vida correr, muitas vezes nem sabemos bem para quê, nem para onde, nem porquê. Corremos, A vertigem é tanta que já me aconteceu, por claro impulso inconsciente, comprar algo na internet que quando me bateu à porta perguntei para os meus botões: mas, afinal para que queria eu isto? Em bom rigor, transformámos o instante num prodígio temporal de 24 horas, onde fazemos tudo, ou queremos fazer tudo. Com tanta efervescência e mobilidade compulsiva, parámos de pensar, de criar, de imaginar. Lembro-me com saudade de uma das máximas do 25 de abril de 1974: «A Imaginação ao Poder» frase inspirada no Maio de 68, que me ficou para sempre tatuada na minha memória. Velhos tempos. Hoje o Poder, os Poderes, só veem números, excel, IA, perderam a sensibilidade: a política está definitivamente ao serviço do ganancioso mundo financeiro, inquinada por ele, comprada por ele, manipulada por ele. E, num halo destes a

cultura vê-se mal, sente-se mal. Ler é pura perda de tempo, precisamos de algo que nos dê pica, desafie a dopamina, nos emocione radicalmente. Quem se atreve hoje a ler os 6 volume de Proust? Puro tempo perdido. Outra pergunta: será que esta corrida desenfreada contra o tempo nos traz felicidade? Será que o prazer imediato que essa corrida nos proporciona, ou não, nos traz felicidade? Margarida Davim, lembrava há dias na Revista Visão (13/8/2026), num dos seus excelentes textos de opinião, que «todas as formas de opressão e controlo tentam apagar a felicidade. Fazem dela pecado ou crime, porque sabem como é poderosa e livre a gente feliz. E não há nada que meta mais medo aos que querem o poder só para eles do que as pessoas cheias de felicidade». Há dias, no autorradio, sintonizei ocasionalmente um programa humorístico que se intitulava "As pessoas têm de se acalmar imediatamente!». Pareceu-me curioso e necessário o título. As pessoas têm mesmo de se acalmar e perceber, e pensar o mundo em que habitam, e se habitam. Imediatamente!

A época começa. E o exemplo também

do que aquele que aparece no horário do treino. Famílias que fazem quilómetros para que os filhos possam praticar uma modalidade.

É um trabalho exigente. Muitas vezes ingrato. Quase sempre feito por paixão. Merece reconhecimento.

Mas merece também uma pergunta: que responsabilidade temos todos quando colocamos uma criança dentro de um clube?

Os pais não precisam de ser treinadores. Não precisam de conhecer táticas, discutir convocatórias ou explicar ao árbitro como deveria ter decidido. Precisam de ser pais. Estar. Apoiar. Incentivar. Acompanhar. E, sobretudo, deixar os filhos desfrutar.

Talvez uma das perguntas mais importantes depois de um jogo não seja «quanto ficou?», mas simplesmente:

«Divertiste-te?»

Porque uma criança que começa a acreditar que o amor dos pais depende do resultado começa, pouco a pouco, a deixar de jogar para si e passa a jogar para corresponder às expectativas dos outros.

E o desporto deixa de ser descoberta para se transformar em obrigação.

É aqui que entram valores que parecem simples, mas que se tornaram extraordinariamente difíceis de praticar: respeito, lealdade e verdade.

Respeitar quando se ganha.

Respeitar quando se perde.

Reconhecer o mérito do adversário.

Aceitar que o árbitro pode errar.

Assumir os próprios erros.

Não procurar sempre um culpado.

Parece básico. E, no entanto, basta olhar para o desporto profissional, particularmente para o futebol, para perceber a dimensão da contradição.

Queremos que as crianças respeitem os árbitros, mas mostramos-lhes adultos a pressioná-los. Queremos que saibam perder, mas ouvimo-los justificar todas as derrotas. Queremos que respeitem o adversário, mas assistimos a treinadores, dirigentes e outros agentes a transformar cada jogo numa batalha verbal. Queremos que sejam leais, mas

ensinamo-las, demasiadas vezes, que a verdade é relativa quando está em causa uma vitória.

O desporto profissional, em particular o futebol, tem uma responsabilidade que não pode ser esquecida: é observado por quem ainda está a aprender. Cada declaração, cada gesto, cada conflito e cada exemplo chega às crianças através da televisão, das redes sociais ou das conversas em casa. Não podemos pedir aos jovens aquilo que os adultos não estão dispostos a cumprir.

Esta talvez seja uma das maiores fragilidades do nosso discurso sobre ética no desporto: falamos muito às crianças sobre valores e demasiado pouco aos adultos sobre o exemplo.

Porque as crianças não aprendem ética apenas quando lhes explicamos o que é certo.

Aprendem-na, sobretudo, quando nos veem fazer. Por isso, o início de uma nova época pode ser também um momento para começarmos de novo.

Para os clubes, uma oportunidade de reafirmarem a sua dimensão educativa. Para os treinadores, a consciência de que cada treino é também uma aula de vida. Para os pais, a coragem de apoiar sem pressionar. Para os dirigentes, a responsabilidade de liderar pelo exemplo. E para todos nós, a obrigação de perceber que o resultado de um jogo termina quando o árbitro apita.

A formação de uma criança não. No fim da época, haverá campeões, medalhas, classificações e vencedores.

Mas haverá também crianças que terão aprendido a respeitar, a cooperar, a lidar com a frustração, a reconhecer o mérito dos outros, a ganhar com humildade e a perder com dignidade.

E talvez seja esse o verdadeiro campeonato que todos deveríamos querer ganhar.

Porque o maior resultado do desporto não aparece numa tabela classificativa.

Fica numa pessoa.

Que seja, para todos, uma excelente época desportiva. Mas, acima de tudo, uma época de que possamos ter orgulho naquilo que ajudámos a formar.

11 A 16 DE SETEMBRO EM TONDELA:

FICTON 2026: ESTRELAS NO PALCO, EXPERIÊNCIAS E MOSTRA DE POTENCIALIDADES NO PARQUE



Tudo a postos, em Tondela, para a realização de mais uma edição (a 32.^a) da Feira Industrial e Comercial de Tondela (FICTON). De 11 a 16 de setembro, o Parque Urbano da cidade volta a ser o palco privilegiado de uma Feira já emblemática no concelho e em toda a região. É também o evento social, cultural e económico, que atrai anualmente milhares

de visitantes.

Para além da mostra das potencialidades económicas daquele que é considerado um dos concelhos mais industrializados da região, há também um cartaz a não perder. A venda de bilhetes está em curso e o passe geral custa 15 euros, valor que se mantém em linha com edições anteriores.

Os bilhetes diários para os

dias 12 de setembro, com Slow J, e 16 de setembro, com os Vizinhos, têm um custo de cinco euros. Já nos dias 11 de setembro, com Némanus, 14 de setembro, com Chico da Tina, e 15 de setembro, com Bárbara Bandeira, a entrada no recinto das Festas do Concelho custa três euros.

À semelhança de anos anteriores, haverá também um

ORGANIZAÇÃO ESPERA 18 MIL VISITANTES NO FESTIVAL «ROCK & DÃO» A 18 E 19 DE SETEMBRO

É a primeira edição, de um plano inicial de cinco, de um festival que celebra o melhor da herança vínica, gastronómica e cultural da região. Vai decorrer em Viseu, no Parque Urbano de Santiago, onde são esperados, nos dias 18 e 19 de setembro, cerca de 18 mil visitantes. Garantidas estão já as atuações internacionais de Mika e UB40 feat. Ali Campbell, bem como dos portugueses David Bruno, Delfins, Samuel Úria, Cassete Pirata, Ganso e Os Pontos Negros.

Com o apoio institucional do Município de Viseu, da Comissão Vitivinícola Regional do Dão e do Turismo do Centro, o festival proporcionará, segundo a organização, "uma experiência sensorial que combina música, gastronomia, espaços de convívio e a promoção dos Vinhos do Dão".

Na componente vínica, estarão presentes 20 produtores do Dão, com curadoria do enólogo João Oliveira. A oferta gastronómica contará ainda com cinco chefs, selecionados pelo Chef Luís Almeida, reforçando a experiência que o Rock & Dão pretende proporcionar aos visitantes.

Com um investimento previsto superior a 800 mil euros, a organização estima que 60% do público seja proveniente de fora do concelho de Viseu, incluindo visitantes nacionais e internacionais, sobretudo de Espanha e prevê um consumo entre 32 e 34 mil copos de vinho durante o festival.

